

O REVERSO DAS VITRINES (*)

Glória Diógenes

O **Reverso das Vitrines** expressa um modo de olhar os conflitos urbanos, uma maneira de percebê-los em diversos ângulos; desde aqueles atos costumeiros das cenas cotidianas aos momentos em que as lutas adquirem maior visibilidade. A idéia que vai desenhando-se a partir do livro de Irllys é que as cidades modernas, embora iluminadas e vigilantes, não conseguiram disciplinar e nem mesmo conter de forma decisiva, o potencial mobilizador dos movimentos sociais.

O cenário onde desenrola-se a trama da investigação é Fortaleza do início dos anos 60, no final dos anos 70, e dos primeiros cinco anos da década de 80. Embora tais movimentos ganhem um lugar mais expressivo em Fortaleza (apenas no final dos anos 70) a reflexão de Irllys busca problematizar o caráter de novidade atribuído a estes movimentos. Talvez sinalizando o cerne da investigação: "O que há de novo sob o sol? Trata-se de saber se o novo refere-se ao olhar de quem observa ou se inclui também novos significados para os protagonistas da ação coletiva" (p. 17, caps. I e II).

Em torno da discussão relativa ao caráter de novidade dos movimentos sociais evidenciam-se diversas "versões" explicativas destas práticas. Grosso modo poderíamos afirmar que existem duas tendências em torno desta controvérsia:

Uma reatualização da teoria do conflito de classes, na suposição de que as contradições urbanas (Castells), sinalizam a existência de novos problemas estruturais (p.29).

A percepção dos movimentos sociais enquanto agentes de pequenos espaços de prática social (Evers); onde o poder não é fundamental, e a sua força de transformação ocorreria, a partir da face oculta, no campo de relações sócio-culturais. (p. 154-155).

De forma a contemplar essas múltiplas potencialidades dos movimentos sociais, Irllys afirma: "Tais práticas não expressam simplesmente a 'revolta

(*) Por Irllys Barreira. Fortaleza: Rio Fundo, 1992.

consciente' dos dominados; tampouco a exacerbação de condições insuportáveis de vida como pulsão mediadora do protesto social. Para além dessas dimensões mais radicais dos conflitos, a cena cotidiana, costumeiramente mais pálida, reafirmava-se com vigor, mostrando modos de vida, percepção da realidade social e formas mobilizadoras de pressão política" (p.12).

A análise do **Reverso das Vitrines** consegue articular dimensões aparentemente díspares do "pensar" os movimentos sociais. Sem entrar no mérito pontual das considerações, ela vai sim, através da reconstrução minuciosa das tramas do objeto, **descerrando portas**, interligando teias invisíveis, constituindo um sentido do diverso (e do reverso).

Os personagens (partidos, Igreja, entidades profissionais, imprensa, etc.) vão aparecendo com as suas histórias, diferenciando-se ou mesmo "metamorfoseando-se com os participantes dos movimentos, protagonistas das cenas cotidianas. São **voyeurs** de uma articulada rede de mobilizações (Pirambu, Jardim Nova Esperança, José Bastos), onde as lutas urbanas vão em 3 tempos entoando suas sinfonias. A maestria do **Reverso das Vitrines** não ocorre apenas pela composição da trama em três atos, ela vai mais além, por constituir através dos acontecimentos, uma ampla rede de significantes político-simbólicos (caps. Ve VI).

Cada um destes movimentos é observado não apenas dentro do contexto específico de seu aparecimento, mas como porta-vozes, partícipes da elaboração, mesmo **nas formas silenciosas do protesto**, de Demandas Radicais (Heller) por **Direitos e cidadania** (caps. 3 e 4)

A noção de direitos que vai se constituindo nos movimentos em foco, é decorrente da construção de valores simbólicos que articulam-se a partir das lutas e vivências desencadeadas por cada um dos movimentos. Esta construção vivenciada dos direitos passa, como observa a autora, a redimensionar o "lugar" do Estado de Direito. "Nesse sentido, é possível afirmar que os direitos urbanos têm uma dimensão calculada no plano concreto dos eventos, como também em nível simbólico onde o Estado vigente é representado como a impossibilidade de expressão desses direitos" (p. 54).

A cidadania apresenta-se como campo revelador da experiência de **ter direitos** onde seu exercício constitui-se sob permanente tensão: entre **conquistas** dos movimentos e estratégias de **caridade e promessa**.

A noção de direitos e a construção da cidadania, desenvolvem-se dentro de um cenário profundamente marcado pela miséria e por práticas clientelistas; daí o caráter amalgamático de uma **cultura política** que se codifica na combinação inovadora entre o "velho" e o "novo". Como assinala a reflexão de Irllys, os movimentos vão encontrando formas diversas de pensar suas **experiências**, expressar valores e de identificar, no plano mais concreto, seus opositores.

Os roteiros de **dramas** (cap. 7) criados e encenados por participantes dos movimentos, nesta obra, traduzem um modo muito peculiar dos movimentos elaborar em suas representações e pensar em estratégias de organização. "Nesta

perspectiva, transformar a vida cotidiana em ato de reflexão significa, de alguma forma, desnaturalizá-la, apresentar o vivido não só como algo que flui naturalmente mas como objeto de transtorno sobre o qual é preciso questionar e retirar conteúdos de mudanças" (p. 148). A atividade de refletir as experiências coloca-se nestas circunstâncias, como forma de refazer e recriar o vivido, como **maneira de simbolizar os discursos que foram reprimidos** (p. 149).

A "pedra de toque" do trabalho de Irllys aparece, na forma como a exposição vai levando, nós leitores, a adentrar no labirinto, plenamente povoado, de atores que espriam-se nos movimentos sociais. A leitura é uma forma de descortinar a "pureza" e homogeneidade, a um certo tempo atribuída a estes movimentos. Vamos percebendo-os múltiplos e entrecortados de significantes. Assim, como a reflexão do cotidiano assinalada por Irllys, sua investigação é uma forma de **desnaturalizar os movimentos sociais**. Ela vai lentamente, em cada faceta dos movimentos, inscrevendo-se por dentro da trama social.

E mais ainda, seu trabalho sinaliza uma outra recusa: a de eleger os "novos" movimentos sociais, como os emergentes figurantes da "verdadeira" transformação social. Não há, na reflexão em análise, uma tentativa, a priori, de identificação dos objetivos dos movimentos sociais. Neste sentido a autora afirma: Os movimentos sociais urbanos, mesmo como reedição de práticas passadas, nem sempre reconhecidas, sinalizam a construção de símbolos e práticas de contestação que corporificam uma emergente cultura política" (p. 176, cap. VIII).

Apesar de ter sido concluído em meados dos anos 80, a investigação de Irllys já assinala o caráter bidimensional da relação Estado/movimentos sociais, onde nesta relação, de forma diversa, ambos modificam-se. O trabalho finaliza-se no limiar das políticas "participativas", que constituíram canais diversos para os movimentos sociais.

Talvez, pela riqueza dos relatos e análises empreendidas por Irllys, ficamos querendo mais (mesmo sabedores da impossibilidade colocada pelo marco temporal de análise). Fica no ar a indagação: será que atualmente com a intensa articulação em Fortaleza, entre "programas participativos" e entidades organizadas, os movimentos representam o lado visível do caráter pretensamente democrático do Estado?

Com a intensa "ocupação" dos espaços institucionais, com o uso de mecanismos jurídicos no encaminhamento de suas demandas, os movimentos vêm, segundo a autora, sinalizando o "(re)verso das vitrines iluminadas por novas cenas da vida política local onde se constroem outros conflitos, outras histórias..." (p. 176).

Fortaleza, 21 de novembro de 1992

Glória Diógenes

Professora de Sociologia da Universidade Federal do Ceará